

«PORTUGUESES» E «PORTUGALESES»

POR JOAQUIM FRONTEIRA

Não foi só nas velas pandas das naus do Gama, a caminho da Índia que breve iria ser nossa — e que, embora parcelada, portuguesa ainda é, para glória do Ocidente; nem nas de Cabral, com rumo seguro a Terras de Vera Cruz; tão pouco apenas nas de tantos navegadores lusos que se lhes seguiram, que a Cruz de Cristo correu mundo desde o século XV. Não foi unicamente nas moedas portuguesas do século de quinhentos e mais além, que se viu esse símbolo cristão circular entre povos de raças diferentes e várias religiões: estrangeiros houve que o ostentaram, como próprio, em moedas suas, quase sempre batidas no metal mais precioso de então.

Hanseáticos, mexicanos e danos, pelo menos, tiveram a Cruz de Cristo em grandes moedas de ouro — os «*Portugalöser*», as «*Patacas*» e os «*Pesos*», os «*Portugalosere*» — em algumas delas se fazendo referência, mais ou menos discreta, ao nome de Portugal.

Ricas, tanto pela beleza, que o reluzente metal lhes emprestava, como pela perfeição do cunho, muitas não chegaram a circular como dinheiro corrente, antes como padrões de acontecimentos faustosos a que interessava dar particular relevo, se não perpetuar, ingressando, por ventura, melhor o seu estudo, neste caso, no âmbito da medalhística.

Dos primeiros três «*Portugaleses*» — designação genérica daquelas moedas estrangeiras de ouro — se ocuparam, já em nosso tempo, o eng.º Raul da Costa Couvreur, (*) em «*A Cruz da Ordem de Cristo em moeda estrangeira*» e o dr. Luís Pinto Garcia, em «*Imitações Numismáticas*», esclarecidos e incansáveis numismólogos a cujo saber presto aqui a minha modesta mas sincera homenagem. Já, anteriormente, Manuel Joaquim de Campos, em «*Imitações de moedas portuguesas em Batenburgo*» e Pedro A. de Azevedo, em «*Falsifi-*

(*) Falecido, pouco depois de entregue este artigo, em 25 de Junho de 1959. Aquelas simples palavras juntamos agora o preito da nossa muita saudade.

cações da moeda portuguesa nos Países Baixos, no século XVI», se haviam referido a essas actividades escusas de moedeiros estrangeiros, não citando, porém, e com razão, os «portugalêses».

Nesta resumida nótula ocupar-nos-emos, portanto, só dos «portugalosere» dinamarqueses, depois de um apontamento sobre os tipos de «portugueses» que se conhecem. Não constituirá ele matéria nova para muitos dos leitores da «NVMMS» mas terá, talvez, a vantagem de facilitar aos restantes a visão em paralelo desses dois grupos de moedas.

O «português» de ouro foi, como é sabido, a nossa maior moeda cunhada nesse metal até o reinado de D. João V. Este, como rei magnânimo e munificente que foi, mandou bater moedas de ouro que muito excederam, em peso e em formosura, todas as dos anteriores monarcas: o dobrão de cinco moedas (53,7 gr), a dobra de 16 escudos (57,3 gr) e a dobra de 24 escudos (86 gr).

Corroborando o que dissemos sobre a limitada circulação dos «portugaleses», também quanto aos nossos «portugueses» se passou factó análogo, conforme consta de um alvará de D. João IV, existente no arquivo geral da Casa da Moeda, de Lisboa, datado de 25 de Abril de 1642, no qual, referindo-se aos «portugueses» e outras moedas grandes de ouro, «*de mui subido quilate*», se permite que se não fundam porque «*se estimam e goardão mais como pessos que como dinheiro corrente*» (ou seja «*mais como objectos históricos e raros*» segundo deduz Teixeira de Aragão).

Do «português», a que poderemos chamar do 1.º tipo, até hoje apenas se conhece a cópia de chumbo apresentada por Aragão, na sua valiosa «*Descripção das moedas, etc.*», que pertenceu ao Gabinete Numismático da Biblioteca Nacional. O original teria sido cunhado no reinado de D. Manuel I, por sua encomenda, na cidade de Swolle (Zwolle), então capital do senhorio de Overyselles (Over-Ijsel), uma das cidades pertencentes à Liga Hanseática, hoje holandesa. O seu módulo, a fazer fé na cópia, teria sido de 43/44 mm. e, conforme Aragão, poderemos descrevê-la da forma seguinte:

Anverso — Em dois círculos concêntricos:

No primeiro: * AD:VALOREM:EMANVEL:REG:PORTVGAL:
No segundo: · MONETA · AVREA. AT:SWOL

Ao centro as armas do reino, entre um anel e dois pontos, de cada lado, quase em linha.

Reverso — Na orla:

* IN:CHRISTO:CRVCIFIXO:NOSTRA:SAL:

Cruz da Ordem de Cristo com três pontos por cima e o carimbo coroadado IOU.

João Bell, na sua «*Taboa mostrando o valor da moeda de ouro e prata do reino de Portugal desde o reinado do Senhor D. Duarte até 1806*» (in «*Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*», t. III, pág. II) atribui a este «português» o peso de 712 grãos (35,5 grs), ou seja o equivalente a cerca de 10 ducados de ouro, de então, que pesavam $71 \frac{1}{4}$ grãos cada um.

Ainda no reinado do «Venturoso» foram cunhados «portugueses» de outro tipo, do qual há exemplos conhecidos, conquanto raros, os quais começaram a ser lavrados em 1499, segundo diz Damião Peres, na «*Chronica de D. Manuel I*». Deles nos dá Aragão uma descrição que, juntamente com a gravura respectiva, permite fazer uma ideia segura a seu respeito.

Anverso — Em dois círculos concêntricos:

No primeiro: + IEMANVEL : R : PORTVGALIE : AL : C :
VL : IN : A . D : G

No segundo: C : N . ETHIOPIE : ARABIE : PERSIE : I :

Os NN virados e os AA sem travessão. Entre as duas legendas um círculo perlado.

Ao centro as armas do reino, com a coroa aberta, entre dois aneletes.

Reverso — Na garfila

: IN ::: HOC :: SIGNO :: VINCEES ::

Os NN virados e a Cruz da Ordem de Cristo, com três pontos por cima.

Pesa 708 grãos (35,3 gr); ouro de $23 \frac{3}{4}$ quilates.

Atribui-lhe o preço estimativo actual (1874) de 80\$000 réis.

No «*Preçário das Moedas Portuguesas, de 1140 a 1540*» (1956), do dr. Pedro Batalha Reis, atribui-se às moedas do 1.º tipo — até hoje desco-

nhecidas — o grau de raridade RRRRR (única?) e o valor de 100.000\$00, quando aparecer algum exemplar. Para as moedas do 2.º tipo apresenta duas variantes na legenda do anverso e no corpo das letras da legenda do reverso, marcando-lhes o grau de raridade RRR e valores entre 15.000\$00 e 18.000\$00. Em 1949, na venda em leilão da colecção do Duque de Galliera, um «português» do 2.º tipo (estado de conservação «soberbo») atingiu o preço de 11.000\$00.

Na Real Colecção de Moedas e Medalhas, do Museu Nacional de Copenhague, existe um belo exemplar de «português» de D. Manuel I, variante do 2.º tipo, pesando 35,02 gramas.

No reinado de D. João III continuaram sendo batidos «portugueses» de dois tipos: um (*I*) igual ao 2.º tipo dos de D. Manuel I e outro (*II*) que constitui pròpriamente um 3.º tipo do «português» de ouro.

Segundo Teixeira de Aragão podemos descrever da forma seguinte esses tão belos numismas do século XVI:

I — (Do 2.º tipo dos de D. Manuel I)

Anverso — Em dois anéis concêntricos

No primeiro: + IOANES : ε : REI : PORTVGAL : ALGARVE :

□O:□E:GINE

No segundo: :ETHIOPIE:ARAIE:PERSIE:INDIA

Ao centro o escudo do reino, entre ☉ e O.

Os AA sem travessão.

Reverso — Na orla

+ □ IN □ HOC □ SIGNO ◇ VINCES

Os SS virados. Cruz da Ordem de Cristo, com três pontos por cima e um ao centro.

Supõe que devia pesar 712 grãos (35,5 gr); ouro de 23 $\frac{3}{4}$ quilates. Valorizado em 100\$000 réis (em 1874), com a indicação de pertencer à colecção Lopes Fernandes.

No «*Preçário*» esta moeda é classificada com o grau de raridade RRRR sendo valorizada em 30.000\$00.

II — (3.º tipo do «português» de ouro)

Anverso — Na orla

:+:IOANES:3R:PORTVGALIE:AL:DG:C:N.C:ETIO

No centro o escudo com a coroa ornamentada, entre :ARAB e .PSII: da direita para à esquerda, e um R à esquerda e um L à direita; cada uma destas duas letras com três pontos . . . por cima.

Reverso — Na orla

. * . IN 4 . . HOC . . . SIGNO . . . VINCEES

Cruz da Ordem de Cristo, cantonada por 4 pontos, envolvidos por 4 arcos dentro de um círculo perlado.

Pesa 702 grãos (35,0 gr); ouro de 23 $\frac{3}{4}$ quilates. Valorizado em 80\$000 réis.

Desta moeda há, pelo menos, umas cinco variantes que no «Preçário» estão valorizadas entre 14.000\$00 e 20.000\$00. No leilão da colecção do Duque de Galliera foi vendido por 10.000\$00 um soberbo exemplar da variante n.º 7 do «Preçário», neste avaliada em 14.000\$00.

O belo «português» existente no Gabinete da Real Colecção de Moedas e Medalhas, do Museu Nacional de Copenhague, que pesa 35,35 gramas, apresenta pequenas diferenças nas legendas deste 3.º tipo, pelo que poderá ser considerado como mais uma variante do n.º 2 de Aragão.

Depois destes apontamentos sobre os nossos «portugueses» vamos occupar-nos dos «portugalosere» dinamarqueses.

Logo da primeira vez que estivemos em Copenhague visitamos, entre vários dos seus mais interessantes Museus, o «NATIONALMUSEET» riquíssimo em colecções de pré-história nórdica e que possui também um Gabinete Numismático criado nos princípios do século XVIII, onde se expõem valiosos exemplares. Como dispúnhamos, então, de tempo bastante limitado — apenas uns cinco dias para a capital e arredores — não podemos dedicar a devida atenção à colecção numismática. Procuramos compensar essa falta adquirindo à saída, no átrio, alguns Catálogos da especialidade. Destes o

«Den Kongelige Mont-og Medaillesamling/MONTER OG MEDAILLER/ / Middelalder og Nyers Tid» / 2. Udgave (Real Coleção de Moedas e Medalhas / MOEDAS E MEDALHAS / Idade Média e Contemporânea / 2.ª Edição), de 1950, é deveras interessante, sendo de destacar as boas fotografuras que profusamente o ilustram. Entre elas se encontram algumas dos «portugalosere» que havíamos visto no Gabinete Numismático, o que nos despertou a ideia de um dia delas nos ocuparmos, o que ora fazemos, convictos de que em Portugal este assunto não foi ainda tratado.

Os «portugalosere» dinamarqueses foram imitações parciais — pois que elas se limitaram ao peso — dos nossos «portugueses» batidos nos reinados de D. Manuel I e de D. João III, que já descrevemos. Em alguns se destaca, também, a Cruz da Ordem de Cristo, como se verá. Desde 1560, de resto, que em Hamburgo se cunhavam moedas semelhantes — os «portugalöser» — com o peso equivalente a 10 ducados de ouro.

Os primeiros «portugalosere», dinamarqueses foram os que em 1584 o rei Frederico II mandou fazer, incluídos numa série de sete tipos diferentes de moedas de ouro, em uma nova máquina de cunhar instalada no parque do seu castelo de Frederiksborg os quais ofereceu como presente à sua esposa bem amada, a rainha Sofia. No anverso levavam o nome e título do soberano e uma coroa sobre o monograma «F & S», que pode interpretar-se como «Frederico Segundo» ou, mais românticamente, «Frederico e Sofia», ou ainda, alvitram outros, «Paz e Sabedoria». (*) No reverso tinham a legenda do rei e o nome da moeda (V. fig. 1).

Foram os seguintes os nomes das moedas de ouro então cunhadas: PORTVGLESER, ROSENNOWEL, DVPPPELT DVCATEN, ENGELOTTEN, VNGRICH GVLDEN, CRONE GOLLT e GOLD GVLDEN. O gravador dos cunhos foi Christopher Angerer, de Königsberg.

O «PORTVGLESER» equivalia, em ouro, a 10 $\frac{1}{8}$ ducados e pesava 35,20 gramas, ou seja um pouco menos do que a maioria dos nossos «portugueses», aos quais se assemelhava apenas quanto ao peso. Foram cunhadas só duas séries que ficaram sendo, como dissemos, propriedade da rainha Sofia. Uma delas foi incluída na importância que enviou a seu filho Cristiano IV quando, em 1628, este teve necessidade de dinheiro durante a

(*) Ao nosso ilustre confrade Ex.^{mo} sr. Eduard Marius van der Niepoort ficamos devendo, entre outras gentilezas, a decifração do enigmático «F & S» interpretado como «Paz e Sabedoria», que obteve da forma seguinte: Fridericus (em alemão: Der Friedensreiche), por abreviatura «Fried» (PAZ); «Sophia» (em grego «SABEDORIA»). Donde «Fred og Sophia» — PAZ E SABEDORIA.

Guerra do Imperador, conservando unicamente em seu poder uma peça — o ENGELOT — como recordação do marido. Contudo esta série não acabou no cadinho do fundidor, por haver sido integrada no Tesouro Público, donde passou, em 1652, para o «Gabinete das Curiosidades» do rei Frederico III.

Entre 1591 e 1593 a mesma rainha Sofia, tomando como modelo os «portugalöser» de Hamburgo, mandou cunhar moedas idênticas, mas com intuitos especulativos. Assim, interessada, como defensora do rei-eleito Carlos IV, nos ducados de Schleswig e Holstein, fundou uma Casa da Moeda na cidade de Haderslev, entregando a sua administração a um grupo de cidadãos hamburgueses e a Intendentes de baixa reputação. Estes indivíduos procederam à cunhagem de uma série de moedas de ouro com a legenda «NACH PORT VGAL SCHRO», abreviatura da existente nos «portugaleses» de Hamburgo, nos quais se lia «NACH · PORTVGALIS · SCHROT · VND · KORN». (Conforme a justa liga e o toque da moeda de Portugal). Não se limitaram, porém, a cunhar «portugalosere», mas duplos, meios e quartos daquela moeda. O «Rigsrad» (Câmara alta dinamarquesa) protestou contra tais cunhagens, não só pelos seus incorrectos dizeres e pelo braço que ostentavam, mas principalmente por terem um peso inferior ao devido. Com efeito, tendo um valor legal de 17 «thalers», na realidade ele não excedia 15 «thalers» e 9 «groschen». O que ainda causou maior indignação foi, por certo, o facto de os referidos Intendentes se locupletarem com o ouro, visto que os «portugalosere» por eles mandados cunhar não deveriam ter menos valor do que os «portugalöser» de Hamburgo, contrariamente ao que se verificava.

Posteriormente, quer na Dinamarca, quer naquela cidade hanseática, passaram a chamar-se, duma forma geral, «portugaleses» (no idioma respectivo) as moedas de ouro que, independentemente do seu cunho, pesavam 10 ducados. Assim, na Dinamarca, foram cunhados «portugalosere» no reinado de Cristiano IV, de 1603 a 1607, e no de Frederico III, de 1653 a 1668. Este «portugalöser» de Frederico III foi uma réplica em ouro do «speciedaler» do mesmo monarca, de 1649, sendo o datado de 1659 conhecido pela designação de «coroa Ebenezer», derivada talvez da palavra hebraica «ebenezer», que significa «pedra do auxílio», tendo em vista a vantagem que da sua cunhagem advinha para o real erário. Por sua vez da palavra «daler» derivou, mais tarde, o «dollar» americano.

Também para solenizar a assinatura da paz de Lübeck foram cunhados «portugalosere», em 1629, mas apenas se conhece o seu $\frac{1}{4}$ de «portugaloser», de que igualmente há exemplares de prata.

Damos, a seguir, uma rápida descrição dos «portugalosere» existentes no Gabinete Numismático do Museu Nacional de Copenhague, a cujo Director Dr. Georg Galster devemos a cativante gentileza das respectivas fotografias e ainda valiosos esclarecimentos sobre essas moedas, pelo que lhe apresentamos aqui os nossos melhores agradecimentos.

Portugaloser de 1584 (Fig. 1).

Anverso — Na orla, entre dois circuitos tracejados:

* FRIDERICVS.Z:D.G.DANI:NOR:SLA:GOTO:Q:REX

Sob uma coroa aberta as letras F e S entrelaçadas.

Reverso — Na orla, entre um circuito granulado e outro tracejado:

* MEIN * HOFFNVNG ** ZV * GOTT ** ALLEIN

Cruz floreada entre duas rosetas. Por baixo, em 3 linhas:

* PORTVG* / * LESER* / * 1 * 5 * 8 * 4 *

Por baixo, remate floreado.

Módulo 39 mm; peso 35,20 gr. Ouro.

Portugaloser de 1591 (Fig. 2).

Anverso — Em duas legendas concêntricas, a primeira das quais entre um circuito tracejado e outro granulado:

Na primeira: ♂ CHRISTIA : IIII : D : G . DANI : NOR .
GOT : WAN REX : ELE

Na segunda: Entre os braços da Cruz da Ordem de Cristo, com um ponto no centro:

NACH PORT VGAL SCHRO

Unindo os braços da Cruz um círculo perlado e outro interior acairelado.



Fig. 1 — Portugaloser de 1584

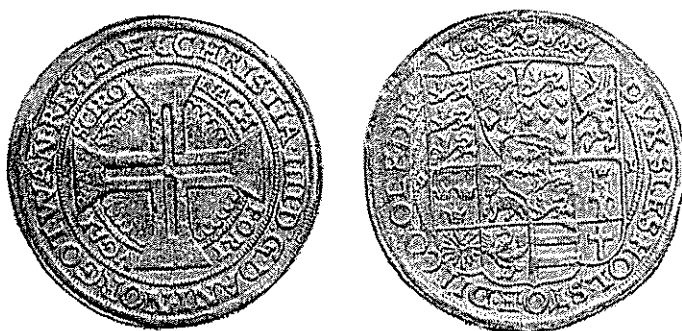


Fig. 2 — Portugaloser de 1951



Fig. 3 — $\frac{1}{4}$ Portugaloser de 1629

Reverso — Na orla, entre um circuito tracejado e outro granulado:

DVX · SLES · HOL · STO · E · DIT · CO · OL · E · DEL

Sob a coroa ducal um grande escudo com 13 espécies diversas de figuras heráldicas.

Mótulo 41 mm; peso 35 gr. Ouro.

¼ de portugaloser de 1629 (Fig. 3).

Anverso — Na orla, entre um circuito de fusos (?) e outro de grânulos:

CHRISTIANUS · IIII · D · G · DANINO · V · G · REX · 16Z9

Ao centro a Cruz da Ordem de Cristo (variante espatulada).

Reverso — Na orla, entre um circuito granulado e outro com pérolas e traços (—..—.):

SICUT IN COELO ET IN TER FIAT VOLUNTAS

(Assim seja feita a (tua) vontade na terra como no céu).

Um grande coração, ao centro, coroadado sob os raios do Sol partindo da palavra JEHOVA (em caracteres hebraicos). Interrompida pela ponta do coração a legenda:

DI/RIGE MEUM (Legenda figurada que se pode traduzir: «Deus guie o meu coração coroadado»).

Módulo 28 mm; peso 8,79 gr. Ouro.

Portugaloser de 1659 (coroa Ebenezer de Frederico III).

Anverso — Na orla, cercada por circuito tracejado, a legenda:

DOMINUS PROUIDEBIT 1659

Sob uma coroa fechada um F e um 3 entrelaçados. Fina cercadura de espigas. Em semicírculo interrompido.

EBEN EZER

Reverso — Na orla, com interrupções

* SOLI * DEO * GLORIA *

Sob uma coroa fechada um braço armado com um gládio, emergindo das nuvens, decepa uma mão, pelo pulso. Fina cercadura de espigas interrompida pelas nuvens e pelo gládio. Por baixo da coroa a palavra ILFEE (auxílio?)

Módulo 41/42 mm. Peso?. Ouro.

Dando aqui por finda esta Nótula sobre os «*Portugalosere*» dinamarqueses, aproveitamos a oportunidade para descrever um outro «portugalês» que apenas vimos decalcado no manuscrito intitulado «*Apontamentos sobre as moedas portuguesas*», de César Famin, que foi Cônsul da França em Lisboa, e que se encontra na Biblioteca Nacional.

Trata-se do

Portugaise de Livonie (sic no manuscrito)

Anverso — Na orla

MAGRI · LIVONI · MONE · NOVA

Com os NN voltados.

Cavaleiro, com armadura ligeira, sem elmo, com farto bigode e barba comprida. Sobre o peito a Cruz da Ordem de Malta. Montante na dextra, com a ponta para cima e um escudo esquartelado, apoiado na perna esquerda e com a ponta no chão. Do lado direito da figura uma pequena cruz e do oposto um anelete.

Reverso — Na orla

POPVLV · TW · Z5 S · MARIA · 9 · SERVIK

A Virgem coroada, com o Menino ao colo e os pés sobre a Lua. O todo destacando-se de um fundo de raios dardejantes. Circuito perlado.

Módulo 38 mm. Peso?. Ouro.